



Universidade **Estadual de** **Londrina**

ARIANI TEREZINHA MENDES MARTINS

**A AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES:
UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA TEORIA SOCIAL
COGNITIVA**

Londrina
2010

ARIANI TEREZINHA MENDES MARTINS

**A AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES:
UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA TEORIA SOCIAL
COGNITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Educação,
Comunicação e Artes da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Mariza
Zedu Alliprandini.

Londrina
2010

ARIANI TEREZINHA MENDES MARTINS

**A AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES:
UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA TEORIA SOCIAL
COGNITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Educação,
Comunicação e Artes da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Paula Mariza Zedu
Alliprandini
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 09 de dezembro de 2010

MARTINS, Ariani T. M. Martins. A Agressividade em Crianças e Adolescentes: uma compreensão a partir da Teoria Social Cognitiva. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Nosso objetivo com este estudo foi verificar qual a contribuição da Teoria Social Cognitiva relacionada à intervenção frente aos comportamentos agressivos no contexto de sala de aula. A metodologia utilizada foi uma busca por artigos científicos no portal da Capes, utilizando as palavras-chave: agressividade, agência humana, aprendizagem social, modelo, auto-regulação, modelação social, modelação simbólica, teoria social cognitiva, auto-eficácia e padrões de condutas. Com a relação dos artigos, usamos como critério de inclusão: pesquisas em escolas que tivessem a temática da agressividade, que analisassem a questão a partir da aprendizagem de comportamentos por modelos e que apontassem estratégias de intervenção na escola para minimizar os comportamentos agressivos. Foram encontradas seis pesquisas que tratavam da agressividade na escola com enfoque na identificação do problema, seus determinantes e particularidades. Com esse resultado pudemos identificar que a maior parte das pesquisas buscam expor o problema da agressividade, mas não apontam estratégias de intervenção. Somente uma das pesquisas apontou com mais profundidade alguns elementos da relação professor-aluno que podem influir na manutenção de comportamentos agressivos.

Palavras Chave: Teoria Social Cognitiva; Agressividade; Escola; Família.

DEDICATÓRIA

A quem devo tudo o que sou. A quem foi mãe e pai. A quem observei durante minha vida e me serviu como modelo para ser o que sou hoje. Minha Avó.

AGRADECIMENTOS

À Deus que nos dá a vida e a possibilidade de escolhas.

Agradeço a todas as minhas amigas, da faculdade e do trabalho, pois durante as dificuldades que enfrentei estiveram comigo me fortalecendo com suas palavras, conselhos e ombro amigo.

À Luciana que tem sido paciente com minhas necessidades de ausência no trabalho por conta das atividades acadêmicas.

Aos meus pais que me educaram para que eu pudesse seguir por caminhos que muitas vezes são de sacrifício, mas que me possibilitam ter a consciência tranqüila porque sei que é o caminho certo.

Aos professores deste curso que demonstram acreditar na educação e com isso nos entusiasmam a lutar por um tempo novo nas escolas.

À minha orientadora, Paula, pela paciência e confiança que depositou em meu trabalho, mesmo quando a pouco ele praticamente não existia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Teoria Social Cognitiva: Uma Introdução	10
2.1.1 Modelação	11
2.2 Auto-Eficácia	13
2.3 Agência Humana	14
2.4 Comportamento Moral	16
2.5 Família e Aprendizagem de Comportamentos	17
3. METODOLOGIA	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 ARTIGOS ANALISADOS	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é cada vez maior a presença de agressividade no comportamento das pessoas. Em todas as etapas do ensino, vivencia-se manifestações de agressividade por parte dos alunos no relacionamento com colegas e educadores. Como educadora infantil, já vivenciei experiências com alunos que manifestam comportamentos agressivos desde pequenos e essa situação é preocupante, principalmente, porque muitas vezes o professor não sabe como agir diante desses problemas. Por isso meu interesse em pesquisar sobre agressividade em escolares.

Penso que essa pesquisa é relevante para o meio acadêmico, pois a agressividade no ambiente escolar é um problema que precisa ser estudado a fim de compreender esse fenômeno e apontar possibilidades de intervenção que possam minimizá-lo. Apesar da agressividade ser um problema atual enfrentado pelas escolas, há poucas pesquisas nessa área que tenham como objetivo a intervenção na escola para identificar meios de diminuir esse problema, especialmente sob a perspectiva da Teoria Social Cognitiva.

Estudos comprovam que a família tem grande influência na aprendizagem de comportamentos agressivos pelas crianças e adolescentes. Sendo assim, há, por parte do professor, algo que possa ser feito para minimizar comportamentos agressivos nos alunos? Buscando respostas a esse problema, procuramos pesquisas que pudessem apontar possibilidades de intervenção aos professores para minimizar problemas de agressividade na escola.

Nosso objetivo com este estudo foi verificar qual a contribuição da Teoria Social Cognitiva relacionada à intervenção frente aos comportamentos agressivos no contexto de sala de aula. Para alcançar nosso objetivo, organizamos nosso trabalho da seguinte forma.

Neste trabalho abordamos questões que demonstraram por que Albert Bandura iniciou sua pesquisa na linha social cognitiva, quais os princípios básicos da teoria e como é o sujeito sob essa perspectiva. Fizemos uma breve introdução à teoria e neste tópico apresentamos os conceitos de: Modelação, Agência Humana, Comportamento Moral e Auto-Eficácia. Ainda

neste t3pico, trouxemos dados de pesquisas cient3ficas que relacionam a fam3lia 3 aprendizagem de comportamentos e que apontam a forte influ3ncia que os modelos agressivos que as crian3as e adolescentes t3m contato no ambiente dom3stico, exercem sobre seus comportamentos.

Finalizamos nosso trabalho analisando seis pesquisas que foram encontradas no site da Capes e realizadas em escolas onde havia problemas de comportamentos agressivos. Com os dados levantados nas pesquisas e com o estudo da Teoria de Bandura apontamos algumas possibilidades de a3o docente que podem minimizar problemas com comportamento agressivo.

Com o conhecimento adquirido neste estudo, pudemos olhar de forma diferente para os casos de alunos agressivos. Esse olhar nos permitiu visualiz3-los como sujeitos influenciados por fatores internos e externos que em intera3o d3o origem a um determinado comportamento. Tamb3m identificamos a necessidade de pesquisas na 3rea educacional que analisem o problema da agressividade sob a perspectiva da Teoria Social Cognitiva e que intervenham no ambiente escolar podendo contribuir para minimizar ou sanar os problemas com agressividade em escolares quando este n3o esteja relacionado 3 patologias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TEORIA SOCIAL COGNITIVA: UMA INTRODUÇÃO

Neste tópico de nosso trabalho temos como objetivo discorrer sobre a Teoria Social Cognitiva e alguns conceitos que ela traz. Albert Bandura é um pesquisador ativo da Stanford University nos Estados Unidos e seus primeiros trabalhos datam de 1950.

A Teoria Social Cognitiva (TSC) foi formulada por ele em meados do século XX devido ao “descontentamento com a inadequação das explicações teóricas existentes (BANDURA, 2008, p.16)” que explicavam os fenômenos relacionados à aprendizagem. Na época, a teoria Behaviorista explicava os processos de aprendizagem a partir de estímulos ambientais. O sujeito era condicionado a dar determinada resposta e esse condicionamento baseava-se em reforços positivos ou negativos dependendo dos objetivos. Acreditava-se que a aprendizagem comportamental ocorria quando o sujeito era recompensado ou punido por executar ações ou ter comportamentos esperados ou não dependendo da intenção. (BANDURA, 2008; WOOLFOLK, 2000; SCHULTZ & SCHULTZ, 1981)

A TSC tem base comportamental, pois considera a importância do reforço na modificação do comportamento, mas difere em outros aspectos como quando aponta a forte influência dos fatores externos e internos na aprendizagem e nas respostas aos estímulos. Bandura, com seus estudos, propõe que a aprendizagem se dá por observação, pois nem sempre o sujeito precisa operar sobre algo para aprender comportamentos bons ou ruins ou mesmo dar as respostas esperadas. O sujeito na TSC é visto como possuidor de capacidades mentais adquiridas ao longo de suas experiências de vida e que serão ativadas no momento em que entra em contato com modelos, capacitando-o a interpretar o que vê e dar respostas que ele julgar adequadas aos seus padrões morais e comportamentais. “Ao ver de Bandura, as respostas comportamentais não são automaticamente suscitadas por estímulos externos à feição de um robô ou máquina. Em vez disso, as reações a estímulos são auto-ativadas” (apud SCHULTZ & SCHULTZ, 1981, p. 289).

Bandura defende a idéia de que “quem controla os modelos de uma sociedade controla o comportamento” (ibidem, p. 289). Com essa constatação ele demonstra que sua teoria é um “tipo social de teoria da aprendizagem, pois estuda o comportamento tal como é formado e modificado em situações sociais, ou seja, na interação com outras pessoas. (ibidem, 1981, p.289)

Na sequência, apresentaremos os conceitos da Teoria Social Cognitiva que explicam a aprendizagem de comportamentos e as influências que motivam ou desmotivam o sujeito à aquisição ou rejeição de determinado comportamento. São eles: Aprendizagem por Modelação, Agência Humana, Comportamento Moral e Auto-Eficácia.

2.1.1 MODELAÇÃO

Com seus experimentos e observações, Bandura constatou que o aprendizado ocorre por meio do contato direto de um indivíduo com o outro, mesmo que esse contato permita só a observação de uma das partes. Ou seja, as pessoas observam determinado comportamento e podem ser influenciadas por ele dependendo de fatores como: resposta recebida pelo sujeito observado, grau de influência ou popularidade desse sujeito para que se torne modelo de comportamento, dentre outros que citaremos mais adiante. Segundo o autor, “afortunadamente, a maior parte da conduta humana é aprendida por observação, mediante modelagem” (apud RIVIÈRE, 1996, p.59).

Bandura (apud COSTA, 2008, p.124) conceitua modelação como “o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica de modificação de comportamento com o uso de modelos”. Bandura consegue comprovar com suas pesquisas que não é regra a necessidade de estímulos seguidos de recompensa, assim como postulavam as teorias comportamentais, para que determinado comportamento seja adotado, mas que a aprendizagem comportamental pode ocorrer pela observação de modelos. Para o autor a “exposição a modelos pode ter três efeitos”: modelar novos padrões de

respostas; inibir ou desinibir respostas até então não praticadas; influenciar o observador a dar respostas similares às observadas.

Para que a exposição aos modelos tenha o efeito desejado, há fatores que influenciarão na mudança ou adoção de determinados comportamentos e nem sempre o reforço direto através de recompensas será necessário para que os sujeitos sigam modelos como vimos anteriormente.

Os aspectos relativos a motivação são delimitados pela Teoria Social Cognitiva em:

- Incentivo direto: está relacionado ao reconhecimento que se obtém por adotar determinado comportamento.
- Incentivo Vicário: comportamento adquirido pela observação do retorno que outros indivíduos têm quando adotam determinadas posturas.
- Autoproduzido: é o incentivo produzido pelo próprio indivíduo, ou seja, ele mesmo motiva-se para a realização de determinado comportamento.

Bandura (apud RIVIÈRE, 1996) cita outros elementos que interferem no processo de aprendizagem por observação:

A aprendizagem observacional depende, em primeiro lugar, da atenção do observador às atividades ou demonstrações do modelo. Também da codificação simbólica e da retenção dessas atividades. Em terceiro lugar, de processos de produção que “regulam a organização das sub-habilidades componentes em novos padrões de resposta” (1987, p73). Por último, de aspectos motivacionais. (1996, p. 60)

A TSC também faz distinção entre aprendizagem ativa e aprendizagem indireta. Na aprendizagem ativa o sujeito aprende fazendo, já a indireta possibilita que ele aprenda observando os outros (WOOLFOLK, 2000).

Woolfolk (ibidem) dá um exemplo quando cita uma professora que ri de um comentário de um aluno na aula. O riso expressou aos alunos que aquele comportamento poderia ser adotado por eles naquele momento e também possibilitou que eles pensassem que em outras situações iguais poderiam ter esse mesmo comportamento. Esse é um exemplo de reforço indireto, mas a aprendizagem por observação pode ser por reforço direto. Utilizando-nos do

exemplo acima, se a aprendizagem fosse ocorrer por reforço direto o comportamento praticado seria seguido de um elogio ou recompensa.

O auto-reforço, outro elemento importante da aprendizagem por modelação, dá aos sujeitos a capacidade de motivarem-se pelos seus próprios resultados.

Portanto, segundo a Teoria Social Cognitiva, o observador adotará determinado comportamento não pela simples observação, mas sim sob influências como: grau de complexidade, atração exercida pelos modelos, momento adequado à observação. Para que a codificação simbólica e a retenção das atividades ocorram, é necessário que a informação seja repetida, pois só assim haverá como um comportamento novo ser compreendido, aprendido e, posteriormente, colocado em prática pelo observador.

Os elementos estudados por Bandura, apontam para a idéia de que os seres humanos possuem um sistema mental complexo, que capacita-os a distinguir entre o que é visto, o que é praticado, pensar sobre tudo isso e responder através de seus comportamentos a tudo o que vivencia pela simples observação ou prática. Há influências cognitivas, pessoais e ambientais que dão origem aos comportamentos, não há como um ser complexo como o homem deixar-se conduzir por estímulos externos (ambientais) sem ter um processo de elaboração mental que permita o “pensar sobre” e a partir do pensar adotar condutas sociais. Essa é a forma de analisar a modelação dos comportamentos dos indivíduos pela Teoria Social Cognitiva. Para ocorrer determinada resposta, comportamento ou mesmo rejeição a determinado modelo, há uma ligação de todos esses elementos.

2.2 AUTO-EFICÁCIA

Como dissemos anteriormente, para a TSC os indivíduos podem ter o comportamento modelado pela observação de modelos. No entanto, Bandura percebeu uma lacuna em sua teoria ao considerar somente o ambiente social como modelador de comportamento e “começou a promover uma visão do funcionamento humano que previa um papel central para os processos

cognitivos, vicários, autorreguladores e autorreflexivos na adaptação e mudanças humanas”. (PAJARES & OLAZ, 2008, p. 97)

Segundo essa perspectiva, o indivíduo tem suas percepções, valores, crenças pessoais, influenciadas pelo ambiente social em que está, além de influenciá-lo também. A forma como o sujeito interpreta o que acontece a sua volta estará posteriormente influenciando seu comportamento.

Dentre as inúmeras maneiras de interpretar um acontecimento ou mesmo uma situação da vida, os indivíduos ao longo de suas experiências vão formando uma autocrença, ou seja, eles formam uma imagem de si e de suas capacidades que irá influenciar suas ações diante da vida. A isso, Bandura denomina de auto-eficácia que representa a crença pessoal dos sujeitos em suas potencialidades.

Essa crença pessoal é formada a partir de “informações de quatro fontes primárias”:

- Experiência de domínio: representa a interpretação que os próprios indivíduos fazem de suas experiências e resultados obtidos.

- Experiência vicária: é a crença formada a partir da observação das experiências dos outros, sem ser necessário realizar determinada tarefa para saber qual será o resultado. O sujeito observa os resultados dos outros e interpreta-os, julgando conveniente ou não tentar realizar o mesmo.

- Persuasões pessoais: são realizadas através das pessoas ao encorajarem ou desencorajarem os sujeitos a realização de algo. Podem ser de cunho positivo ou negativo.

- Estados somáticos ou emocionais: o emocional irá, também, influir sobre as crenças que as pessoas fazem sobre as chances de ter sucesso ou não em determinado empreendimento. Quando conseguem controlar seus pensamentos, ansiedade, nervosismo podem aumentar seu senso de auto-eficácia.

Esses elementos darão origem a forma como os indivíduos vêem suas capacidades, suas chances de sucesso ou insucesso diante de um desafio, ou seja, a percepção que têm de si mesmo e suas potencialidades.

2.3 AGÊNCIA HUMANA

Bandura usa a expressão “agência humana” que caracteriza o indivíduo como agente de seu comportamento, de suas vontades e de seus pensamentos. É ele que determina sua conduta. Segundo o autor (2008), “as pessoas são auto-organizadas, proativas, autorreguladas, e autorreflexivas, contribuindo para as circunstâncias de suas vidas, não sendo apenas produtos dessas condições”. Esses adjetivos citados por Bandura demonstram que “forças interiores” têm ação direta sobre as respostas dos indivíduos, no entanto, não só elas:

Na visão cognitiva social as pessoas não são nem impulsionadas por forças interiores nem automaticamente moldadas e controladas por estímulos externos. Antes, o funcionamento humano é explicado em termos de um modelo de reciprocidade triádica no qual comportamento, fatores cognitivos e outros pessoais, além de eventos ambientais todos operam como determinantes interativos uns dos outros. (BANDURA apud WOOLFOLK, 2000, p.202)

A Teoria Social Cognitiva entende que há uma interação entre todos esses aspectos para que a aprendizagem comportamental ocorra. Não acredita que somente os estímulos ambientais possam influenciar nas respostas dos sujeitos assim como postulavam as teorias comportamentais clássicas. Woolfolk (2000) diz que “muitos psicólogos ampliaram sua visão de aprendizagem para incluir o estudo de processos cognitivos tais como expectativas, pensamentos e crenças”, dentre eles está Bandura. Para ele, o sujeito sofre influências do meio social e a intencionalidade, a antecipação e a autorregulagem motivam o comportamento.

Complementando esse pensamento, Rivière (1996), baseada em Bandura diz que:

A perspectiva cognitivo-social da aprendizagem parte de um modelo de determinação recíproca entre o ambiente, a conduta e os fatores pessoais (cognitivos, emocionais, etc). Bandura (1987) fala de “reciprocidade triádica”: os comportamentos

dependem dos ambientes e das condições pessoais. Estas, por sua vez, dos próprios fatores.

Para o exercício da agência humana, temos que considerar os tipos de ambientes operativos nos quais o indivíduo pode estar inserido. Bandura (2008) aponta três: o imposto, o selecionado e o criado. Diz sobre o ambiente imposto que “as pessoas não têm muito controle sobre a sua presença, mas têm liberdade na maneira como o interpretam e reagem a ele”. Já o ambiente selecionado expressa-se segundo a interpretação que as pessoas fazem dele. Duas pessoas podem conviver num mesmo ambiente e ter posturas e atitudes diferentes frente ao que se apresenta a elas. Uma pode ter atitude negativa e outra positiva. Finalizando, o ambiente criado, como o próprio nome diz, ele é criado pelas pessoas de acordo com suas finalidades. Portanto, o que determinará o modo como os indivíduos se posicionarão diante dos ambientes e da vida será o exercício da agência pessoal.

Assim, podemos perceber que para a TSC os fatores ambientais não são determinantes para a aprendizagem de comportamentos. O sujeito, de posse de um repertório moral, comportamental e motivacional pode ter o controle sobre a forma como interpretará e agirá nesse ambiente podendo modificá-lo e vice-versa, mas sem determinismos.

2.4 COMPORTAMENTO MORAL

Woolfolk (2000) quando fala da aprendizagem moral pelas crianças coloca que a intervenção e o modelo dos adultos servirão para que elas aprendam comportamentos morais. Segue dizendo que com o tempo essas crianças adotarão os comportamentos e as instruções dos adultos como suas.

Bandura & Huston (apud COSTA, 2008) falam de um experimento que comprovou a forte influência dos adultos significativos na vida da criança sobre sua socialização. Quando Bandura fala de comportamentos morais ele diz que as pessoas adquirem comportamentos que julgam corretos e colocam-nos em prática durante suas vidas. Ou seja, agem de acordo com o que construíram como corretos a partir das experiências, das interações e das observações a que estiveram expostas.

No entanto, ele diz que durante a vida, os sujeitos podem em determinado momento, agir de forma inesperada. “As pessoas são basicamente iguais e o que as diferencia é a configuração do mundo imediato a que estão submetidas, forçando-as a agir de um ou outro modo” (ROSS & NISBETT, apud IGLESIAS, 2008, p. 173). Nesse caso, para justificarem seus atos, os indivíduos apelam para eufemismos, distorcem os fatos dando a eles menor importância, justificam seus atos como em prol de propostas morais ou sociais valorizadas, comparam com outros atos mais repreensíveis minimizando a importância dos seus, etc.

Temos que reconhecer que a aprendizagem na criança vai se constituindo na medida em que através dos adultos conhece o mundo social, físico e moral. E que a princípio suas experiências de aprendizado se restringem ao contato com familiares. Mas com o tempo, o contato com o mundo será através de outros modelos como amigos, professores, demais parentes, pessoas virtuais com as quais têm contato pela televisão, computador, etc.

Por isso, podemos entender, pensando nos pressupostos da teoria de Bandura que seu repertório moral aumentará positiva ou negativamente dependendo do processo de influências ambientais, comportamentais e cognitivas. Concluímos esse tópico com um parágrafo de Iglesias (2008, p.173) dizendo que:

É importante ressaltar que a internalização de padrões morais é totalmente dependente da interação social e que, como no ditado popular, “a oportunidade faz o ladrão”. Diante desse quadro, Bandura (1986) adota uma postura otimista, argumentando que a condição humana pode ser melhorada se puderem ser mudadas as próprias circunstâncias e perspectivas que motivam comportamentos nocivos, em vez de se tentar modificar as características pessoais.

2.5 FAMÍLIA E APRENDIZAGEM DE COMPORTAMENTOS

Os seres humanos vivem em sociedade e estão constantemente rodeados por infinitos modelos, com diferentes comportamentos, valores, e por isso é extremamente perigoso considerar as manifestações das pessoas

somente como resultado de influências do ambiente. Como seres humanos racionais:

“Podemos regular e orientar o nosso comportamento visualizando ou imaginando conseqüências ainda não vivenciadas desse comportamento e tomando uma decisão consciente de nos comportarmos ou não dessa maneira. Por conseguinte, não há uma ligação entre um estímulo e uma resposta, ou entre comportamento e reforço, como havia no caso do sistema de Skinner. Em vez disso, há um mecanismo mediador interposto entre o dois, esses mecanismos são os processos cognitivos da pessoa.” (SCHULTZ e SCHULTZ , 1981, p. 289).

Quando alguém vê ou vive por um período em contato com uma determinada situação, isso não representará uma continuidade ou reprodução do que vivenciou, pois essa pessoa é receptora dos estímulos advindos do ambiente em que está, mas também é dotada de capacidades específicas que permitem a ela a análise, a relação, interpretação do que está vivenciando, tendo assim a possibilidade de rechaçar ou interiorizar estímulos que servirão de base para a manutenção ou mudança de comportamento. A TSC atribui essa postura de discernimento dos indivíduos a possibilidade de agir com:

- Intencionalidade.
- Antecipação (há a possibilidade de prever resultados e traçar estratégias).
- Autorregulagem.

As respostas dos indivíduos se darão de acordo com suas crenças, descrenças, expectativas, frustrações, pois dependendo da intencionalidade, da previsão dos resultados e de suas possibilidades de autorregulagem, incluindo motivação, imagem que tem de si mesmo, padrões morais, é que as ações se efetivarão.

Os seres humanos possuem uma capacidade extraordinária de simbolizar. Usando suas capacidades simbólicas, conseguem tirar significado do seu ambiente, construir roteiros de ação, resolver problemas cognitivamente, defender linhas de ação antecipadamente, adquirir novos conhecimentos por meio do pensamento reflexivo e comunicar-se com os outros a distância no espaço e no tempo. (PAJARES e OLAZ, 2008, p.100)

No entanto, a criança passa por um período em que seu contato inicial é somente com a família, depois com a entrada na escola ela terá seu repertório de modelos aumentado através do contato com professores, colegas, etc. Além de, com o passar do tempo, conhecer outros grupos com os quais terá contato durante a vida e que também servirão de modelos para a aprendizagem de comportamento (BOLSONI-SILVA e MARTURANO; GOMIDE, *apud GONÇALVES e MURTA, 2008*).

Porém, quando pensamos na criança, podemos nos arriscar, respaldados por pesquisas científicas, a dizer que o ambiente familiar influencia muito na aprendizagem de comportamentos (PRUST e GOMIDE, 2007; SÁ et.al., 2009; JOLY, DIAS e MARINI, 2009, MALDONADO e WILLIAMS, 2005; PACHECO et.al., 2005) pró-sociais ou anti-sociais.

Primeiramente, é necessário diferenciar um comportamento anti-social do pró-social. Segundo Saud e Tonelotto (2005) há dois tipos de manifestação de comportamentos: positiva e negativa. As manifestações positivas como “requisições, gratificações, presentes”, são categorizadas em comportamentos pró-sociais. Contrário a isso, temos os comportamentos anti-sociais representados por manifestações agressivas, “censuras, ameaças, roubos”. Gomide (2003, *apud SALVO, SILVARES e TONI, 2005*, p.188) diz que:

As práticas educativas que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais são chamadas de práticas educativas negativas, sendo seis as mais encontradas na literatura: negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria estressante. Quanto as práticas educativas positivas, que colaboram para o adequado desenvolvimento pró-social da criança, destacam-se a monitoria positiva e o comportamento moral.

Gomide (2000) aponta como pró-sociais, comportamentos como: altruísmo, controle de impulsos agressivos, aguardo de gratificações, reparação de maus comportamentos, resistência a tentação, simpatia. Os comportamentos anti-sociais são definidos como prejudiciais a si e aos outros e classificados em mentira, piromania, pixação, evasão escolar, uso de drogas, agressividade e delitos leves e graves (PRUST e GOMIDE, 2007).

Gomide (2001, *apud SALVO, SILVARES e TONI, 2005*) salienta que a família como primeiro contexto de socialização é que irá delinear as bases

para a aprendizagem de comportamentos pela criança. Ou seja, se na família a criança não tem o apoio afetivo, educacional, moral de que necessita para desenvolver-se, ela terá maior probabilidade de desenvolver comportamentos anti-sociais.

A monitoria positiva caracteriza-se justamente pelo real interesse e acompanhamento dos pais para com a criança. Através dessa prática, os pais demonstram afeto pelo seu filho, bem como estão disponíveis a contatos físicos (abraços, beijos, etc.) e sociais com a criança, de forma que o filho se sente amado e protegido, sem ter seus direitos cerceados ou haver falta de confiança entre os pais e os filhos, como acontece na monitoria negativa ou estressante. (ibidem, p.192)

Esses mesmos autores afirmam que a falta da monitoria positiva pode levar as crianças a manifestarem comportamentos agressivos. Complementar as pesquisas que indicam os tipos de práticas educativas que favorecem comportamentos pró-sociais e anti-sociais, temos na literatura pesquisas que apontam o comportamento dos pais como influente na aquisição pelos filhos de padrões de comportamento. Bazi (2003, *apud JOLY, DIAS e MARINI*, 2009, p. 84) destacam que “a brutalidade na relação entre pais e seus filhos, ensina às crianças, por meio da observação, o que fazer, assim concluem que bater é apropriado e poderoso”. As crianças aprendem não só pelos ensinamentos verbais, atitudinais, mas tão significativamente quanto estes, elas aprendem observando o comportamento dos pais diante de inúmeras situações cotidianas.

Em pesquisa realizada por Gardner, Powell e Grantham-MCGregor (1998, *apud JOLY, DIAS e MARINI*, 2009) eles observaram que o grupo identificado como agressivo vivia em um lar mais conturbado, com punições, brigas e discussões, tendo pais mais agressivos que o grupo identificado como não-agressivo. Assim como essa pesquisa, outras (JOLY, DIAS e MARINI, 2009; MALDONADO e WILLIAMS, 2005), identificaram que o comportamento agressivo é mais acentuado em crianças que vivem em lares onde há por parte dos pais comportamentos violentos e agressivos.

Podemos confirmar esses dados utilizando-nos de Bandura (1973, *apud MALDONADO e WILLIAMS*, 2005, p. 354) ao dizer que “as crianças podem aprender modelos cognitivos e comportamentais a partir de modelos ou

cópias de eventos diários, incluindo-se a observação de seus pais em situações intraparentais”.

A constatação de que o ambiente familiar influencia o comportamento da criança e do jovem não é recente. Bandura (1969), há anos atrás, já apontava a forte influência dos modelos paternos nos processos de imitação de comportamentos desviantes.

Outro dado importante, encontrado por pesquisadores (HOLDEN, GEFNER e JOURILES, 1998; FANTUZZO, LINDQUIST, 1989 *apud* MALDONADO e WILLIAMS, 2005; JOLY, DIAS e MARINI, 2009; SAUD e TONELOTTO, 2005), demonstra que o comportamento anti-social externalizante (agressividade, impulsividade, desobediência, etc) são mais comuns nos meninos do que em meninas. Esse dado pode ser relacionado com um dos aspectos da TSC que atribui à eficácia da aprendizagem por meio da modelação ao status que o modelo representa para o observador.

Joly, Dias e Marini (2009) identificaram em pesquisa realizada por Cia, William e Aiello (2005) que a interação do pai com os filhos representa 25% do tempo dispensado pela mãe a estes. No entanto, quando analisam o comportamento dos filhos do sexo masculino, verificam que a influência do pai como modelo de comportamento foi determinante para os resultados de sua pesquisa apontando que os filhos que tinham pais hostis, agressivos, coercitivos apresentaram comportamentos anti-sociais.

Prust e Gomide (2007) analisando dados de estudos realizados por Nurco e Lerner (1996) confirmam a forte influência do pai no desenvolvimento de comportamentos morais e relacionam esse dado ao fato de que o homem em nossa sociedade “ainda representa a figura de autoridade dentro da família”.

Refletindo, ainda, sobre o predomínio de comportamentos agressivos em meninos expostos a ambientes familiares violentos, verificamos que em nossa sociedade os meninos são “educados” para reproduzirem posturas fortes, não demonstrarem emoções, muitos pais incentivam a agressividade como forma de defesa, entre outros comportamentos. Já as meninas, desde pequenas não são incentivadas a reações agressivas, pelo contrário, “aprendem que a agressão física é um comportamento indesejável para as meninas” (GOMIDE, 2000).

Saud e Tonelotto (2005, p.51), de acordo com Fontana (1991), Del Prette e Del Prette (1999), Trad (1999) e Bierman (2001), afirmam que:

Meninos são criados para serem fortes e desaconselha-se que demonstrem seus sentimentos. Às meninas permitem-se maiores comportamentos emotivos e maior expressão de sentimentos. Desta forma há uma propensão em se criar formas de atuação diferenciada para meninos e meninas, bem como de comportamentos diferenciados para ambos.

Porém, as pesquisas revelam que as meninas também apresentam distúrbios no comportamento social, só que as dificuldades são distintas dos meninos. Nas meninas foram identificados (SAUD e TONELOTTO, 2005) ao invés de comportamentos externalizantes (agressividade, desobediência) ou problemas de conduta, elas apresentam sintomas de ordem emocional como “tendência a introjetar as dificuldades e somatizá-las.

Costa (2008, p.144) utilizando-se dos pressupostos da TSC, diz que: “as principais fontes de estilos de comportamento agressivo na sociedade moderna são a agressão modelada e reforçada pela família, pela subcultura na qual vive o sujeito e os modelos simbólicos abundantemente fornecidos pelos meios de comunicação”.

Diante do quadro delineado nas páginas acima e que aponta a família como importante instrumento de aprendizado de comportamento, o que a escola, representada pelo professor e como ambiente de socialização e aprendizagem cognitiva e de comportamentos, pode fazer para minimizar os comportamentos agressivos das crianças?

As crianças ao aprender determinado comportamento irão reproduzi-lo através de suas ações. Isso significa que a escola terá crianças que apresentam comportamentos agressivos em suas relações com seus pares e professores. Por isso, nosso objetivo com neste estudo foi verificar qual a contribuição da Teoria Social Cognitiva relacionada à intervenção frente aos comportamentos agressivos no contexto de sala de aula.

3. METODOLOGIA

Para obtenção das informações expostas nesse trabalho realizamos uma pesquisa bibliográfica. Segundo Ruiz (2008) pesquisas bibliográficas são realizadas com base em livros e produções de autores pertencentes a determinadas correntes de pensamento. Nossa pesquisa é bibliográfica, de cunho qualitativo, pois nos propomos a apresentar informações sobre a Teoria Social Cognitiva e a buscar produções que tratassem da agressividade no ambiente escolar segundo essa teoria.

Desenvolvemos uma pesquisa com base na relação das revistas disponibilizadas pelo portal da CAPES (www.capes.gov.br). Escolhemos esse portal por ter um vasto arquivo de periódicos nacionais e internacionais de acesso gratuito e que com avaliação Qualis A, B e C.

A partir da obtenção da relação de revistas da área de Psicologia e Educação, o primeiro passo foi excluir as revistas que em seu título indicassem trabalhar, exclusivamente, com teorias diferentes do que estávamos focando no trabalho, por exemplo, a psicanalítica. Buscamos a partir das palavras chaves: agressividade, agência humana, aprendizagem social, modelo, auto-regulação, modelação social, modelação simbólica, teoria social cognitiva, auto-eficácia e padrões de condutas, artigos nos periódicos que trouxessem informações sobre comportamentos agressivos em crianças e adolescentes escolares tendo como aporte teórico a Teoria Social Cognitiva. Os critérios de exclusão foram: datas anteriores ao ano 2000, pois nossa pesquisa baseia-se em estudos dos últimos dez anos, artigos que tratassem da agressividade segundo a teoria Psicanalítica, artigos que trouxessem pesquisas sobre agressividade e intervenção em outros ambientes que não o escolar ou que não trouxessem informações baseadas em comportamentos de crianças e adolescentes.

Para inclusão dos artigos adotamos os seguintes critérios: pesquisas em escolas que tivessem a temática da agressividade, que analisassem a questão a partir da aprendizagem de comportamentos por modelos e que apontassem estratégias de intervenção na escola para minimizar os comportamentos agressivos.

Durante a leitura dos artigos, percebemos que além dos que tratavam da agressividade no ambiente escolar, seria importante para compreender o comportamento agressivo, incluir em nossa pesquisa os artigos relacionados à agressividade e a família.

Algumas das revistas disponibilizadas pela CAPES estavam com o link indisponível, sendo assim apenas algumas puderam ser acessadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os artigos que surgiram da pesquisa com palavras-chaves já elencadas, encontramos nas seguintes revistas, pesquisas que puderam nos auxiliar para que chegássemos aos resultados apresentados neste trabalho, que estavam relacionadas a comportamentos agressivos e que atendiam aos critérios de inclusão expostos acima: Psicologia: teoria e prática, Psicologia: Ciência e profissão, Psico – USF, Psicologia em estudo, Psicologia Escolar e Educacional.

Nessas revistas foram encontrados seis artigos que falavam sobre agressividade no ambiente escolar e que nos ajudaram a responder nosso problema de pesquisa. São eles:

- Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor.
- Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola.
- O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.
- Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental.
- Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries.
- Acompanhamento de pré-escolares agressivos: Adaptação na escola e relação professor – aluno.

Além desses artigos, encontramos, com a busca por palavras-chave, outros que falavam sobre agressividade, mas não estavam relacionados ao ambiente escolar. Relacionamos os artigos que tratavam do assunto violência, agressividade, comportamentos antissociais, habilidades sociais, e essa leitura complementou nossa pesquisa, pois nos deu a dimensão do quanto as influências do ambiente familiar e seus modelos de comportamento tem sobre o comportamento das crianças e dos adolescentes.

Segue abaixo a relação dos demais artigos que não estavam relacionadas ao ambiente escolar e comportamento agressivo, mas que foram úteis para compreendermos a importância da família na aprendizagem de comportamentos:

- A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem.

- Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes.
- A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes.
- Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional.
- Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo.
- Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças.
- Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social.
- Estabilidade do comportamento antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista.
- Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura.

A seguir, estão os quadros com a síntese dos artigos relacionados à agressividade e o ambiente escolar.

4.1 ARTIGOS ANALISADOS

Abaixo, extraídos de cada um dos artigos que tratam da temática agressividade e escola, estão dispostos nos quadros os seguintes dados: título do artigo, ano de publicação, autor, periódico no qual foi publicado, objetivos do estudo, metodologia utilizada e a síntese dos resultados.

Artigo 1	Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor.
Ano	2003
Autoras	Maria Aparecida Carmona Ianhes Anser ; Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly; Claudette Maria Medeiros Vendramini
Revista	Psicologia: Teoria e Prática
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">- investigar com os educadores o conceito de violência.- identificar os tipos de violência presentes na realidade escolar do educador, segundo a opinião deles.- Analisar a concepção da violência escolar na visão do educador segundo a rede de ensino, o nível de escolarização do professor, a formação pedagógica e o nível de ensino em que atuam os educadores pesquisados.
Metodologia	<ul style="list-style-type: none">- participantes: 127 docentes de escolas públicas e privadas do interior de São Paulo.- média de idade: 39 anos.- instrumento utilizado: questionário com questões abertas e fechadas sobre: identificação pessoal e profissional dos professores; diferencial semântico sobre o conceito de violência em seu sentido conotativo, numa escala do tipo Likert; aspectos presentes no ambiente escolar que sejam indicadores de violência.
Síntese dos Resultados	<ul style="list-style-type: none">- os resultados revelaram que tanto o conceito de violência quanto os aspectos que contribuem para sua incidência relacionam-se diretamente à violência social.- para os professores, o sentido conotativo da violência está mais relacionado a elementos constitutivos da violência psicológica e física associados às desigualdades sociais, econômicas e culturais.- quanto aos aspectos relacionados à violência que se encontram presentes nas unidades escolares, segundos os docentes pesquisados, a agressão física é a mais freqüente.- valores, relações humanas e aspectos sócio-econômicos são categorias que se destacaram como determinantes do conceito.- identificou-se a presença de agressão física, verbal e moral como tipos de violência, e o aluno como agente de tais ações.

Artigo 2	Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola
Ano	2005
Autor	Fermino Fernandes Sisto
Revista	Psicologia em Estudo
Objetivos	- comparar quatro escolas com características diferentes, com base em informações fornecidas pelos participantes, quanto à agressividade e aceitação-rejeição dos estudantes de segundas, terceiras e quartas séries.
Metodologia	- participantes: 1.281 estudantes de quatro escolas, sendo três estaduais e uma particular. - 82% dos estudantes freqüentavam segundas, terceiras e quartas séries. - Instrumentos: medidas sociométricas apontando preferências ou rejeição por colegas; para verificar a Escala de Agressividade (Sisto & Bazi, 2000) foi aplicado um instrumento com 16 afirmativas quanto à situação escolar e familiar onde os sujeitos deveriam responder sim ou não.
Síntese dos Resultados	- os diferentes níveis econômicos e sociais das escolas, o número de alunos e a infra-estrutura não produziram diferenças significativas nas relações de aceitação/rejeição dos alunos. - os participantes perceberam mais a presença de situações indicadoras de agressividade na situação familiar que na escolar. - as crianças da escola privada percebem-se mais agressivas que as das escolas públicas. - nem todas as crianças agressivas se relacionaram com colegas problemáticos, assim como nem todas são rejeitadas por seus pares.

Artigo 3	O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica
Ano	2005
Autor(as)	Daniela Patrícia Ado Maldonado Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams
Revista	Psicologia em Estudo
Objetivos	- avaliar se crianças do sexo masculino que apresentam comportamentos agressivos na escola, quando comparadas às crianças do mesmo sexo que não apresentam comportamentos agressivos, têm maior histórico de violência doméstica.
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - participantes: 28 crianças do sexo masculino com idade média de 8,2 anos e suas respectivas mães. - escolaridade: cursavam a primeira e segunda série do ensino fundamental; - foram pesquisadas três escolas públicas de uma cidade de porte médio do estado de São Paulo localizadas em bairros identificados como tendo alto índice de violência doméstica. - as crianças foram divididas em dois grupos: um que apresentava comportamento agressivo na escola e outro que não apresentava. - instrumentos: escala de percepção por professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola (Lisboa & Koller, 2001). - entrevista semi-estruturada para levantamento de dados sobre as famílias (roteiro adaptado de Williams, 1998). - escala de tática de conflitos revisada (Revised Conflict Tactics Scale – CTS-2, Strauss, 1996) respondida pela mãe e que representa a frequência de classes e níveis de comportamento apresentados pelo casal.
Síntese dos Resultados	- os resultados demonstraram a ocorrência de violência em ambos os grupos, mas com maior incidência e maior severidade no grupo masculino de crianças agressivas.

Artigo 4	Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental
Ano	2009
Autor(as)	Maria Cristina Rodrigues A. Joly Anelise Silva Dias Janete Aparecida da Silva Marini
Revista	Psico-USF
Objetivos	- identificar a percepção de estudantes do ensino fundamental acerca da agressividade na família e na escola.
Metodologia	- participantes: 758 crianças de segunda, terceira e quarta séries de ambos os sexos com idade média de 9,01 anos. - estudo realizado em seis escolas (90,9% públicas e 9,1% particulares) de três cidades do interior de São Paulo. - Instrumentos: Escala de Agressividade para crianças e jovens (Sisto & Bazi, 1998) e Escala de Agressividade Geral.
Síntese dos Resultados	- os participantes apresentaram poucas condutas agressivas. - a agressividade familiar teve maiores índices do que a escolar. - identificou-se influência do gênero sobre a agressividade geral dos participantes. - verificou-se que os meninos apresentam índices de agressividade mais altos na família e significativamente diferentes com relação as meninas. - apresentaram diferenças significativas para idade e série apenas para agressividade familiar. - o grupo identificado como mais agressivos relatou receber mais punições nos lares e participar com maior frequência de discussões e brigas entre os membros da família.

Artigo 5	Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries
Ano	2005
Autor(as)	Laura Fogaça Saud Josiane Maria de Freitas Tonelotto
Revista	Psicologia Escolar e Educacional
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - explorar um instrumento novo para avaliar o comportamento social (dificuldades e capacidades), num grupo de escolares. - verificar a presença de possíveis diferenças entre gêneros e séries cursadas.
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - participantes: 41 alunos do sexo feminino e masculino com idade média de 9,6 anos. - estudo realizado em uma escola localizada no Vale do Paraíba no estado de São Paulo, que oferta educação infantil, Ensino fundamental e médio. - foi aplicado um Questionário de Capacidades Específicas e Dificuldades (SDQ) (Goodman, 1999a) com os alunos e outro denominado Suplemento de Impacto com os pais e professores. Os dados foram descritos e analisados conforme procedimento indicado por Goodman (1999).
Síntese dos Resultados	<ul style="list-style-type: none"> - verificou-se que para o comportamento pró-social não tem diferenças entre os gêneros. - foram encontradas diferenças de acordo com as séries no que se refere a problemas de conduta, problema de relacionamento com colegas e total de dificuldades. Nas meninas da 3ª e 4ª série verificou-se uma pontuação limítrofe para os sintomas emocionais. - Nas pontuações relacionadas a problemas de conduta as meninas da 3ª série apresentam menor percentual que os meninos da 4ª. - em hiperatividade as pontuações normais foram mais freqüentes para todos os escolares. - em problemas de relacionamento com colegas pontuações normais foram freqüentes para todos os escolares, porém em escolares da terceira série, sexo feminino, as pontuações foram maiores. Na quarta série houve uma maior presença de resultados anormais entre os dois gêneros.

Artigo 6	Acompanhamento de pré-escolares agressivos: Adaptação na escola e relação professor - aluno
Ano	2009
Autor(as)	Juliana da Rocha Picado Tânia Maria Santana de Rose
Revista	Psicologia: Ciência e Profissão
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - verificar a existência de problemas de comportamento e características do aproveitamento acadêmico em um grupo de alunos em fase final de pré-escola e que no início da mesma foram indicados como agressivos. - avaliar a qualidade da relação estabelecida entre professores e alunos participantes, segundo as categorias propostas pela entrevista da qualidade da relação professor – aluno de Pianta (1998).
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - participantes: 11 alunos, do sexo feminino e masculino, com idade entre 6 e 7 anos e seus respectivos professores que totalizavam 8. - o estudo foi realizado em escolas municipais de educação infantil da rede pública de uma cidade de médio porte do interior de São Paulo com crianças que quando tinham entre 4 e 5 anos foram indicadas pelos professores como crianças que apresentavam altos índices de comportamentos agressivos.
Síntese dos Resultados	<ul style="list-style-type: none"> - os resultados demonstraram que 63,5% dos alunos apresentam de um a quatro problemas externalizantes e/ou internalizantes. - altos índices de comportamento agressivo permanecem entre 45% dos alunos. - apenas duas das onze relações professor-aluno estudadas apresentam em alto grau os elementos positivos avaliados pela entrevista.

A partir da análise dos artigos apresentados, encontramos um número reduzido de pesquisas que tratassem de agressividade no ambiente escolar segundo parâmetros expostos anteriormente. Com o objetivo de intervir no ambiente escolar buscando possíveis formas de minimizar ou mesmo solucionar problemas de agressividade no comportamento dos alunos entre eles e entre eles e professores, não foi encontrada nenhuma pesquisa nas revistas de Psicologia ou de Educação.

Pudemos identificar pelas pesquisas encontradas que a TSC não é muito explorada pelos pesquisadores brasileiros quando falam em comportamentos agressivos, violentos, desafiadores, etc. Iglesias (2008) afirma que há um “desconhecimento da obra mais recente de Bandura”, e pudemos perceber isso pelas leituras dos artigos que encontramos e que citam o autor, pois são bem poucos. Dos nove artigos que tratam da agressividade fora da escola, somente os artigos: A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes, A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem, Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura, citam Bandura. E dos seis artigos que tem como lócus de pesquisa a escola, somente dois deles citam Bandura. São eles: Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental, O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.

Nesses artigos, as falas de Bandura aparecem indicando que os comportamentos agressivos são modelados pela observação de modelos violentos com que as crianças e adolescentes têm contato desde a infância até a idade adulta.

Em nossa pesquisa encontramos artigos que analisam o quadro de violência nas escolas, alguns determinantes, tipos de comportamentos manifestados pelos alunos, relação entre família com comportamentos violentos e alunos agressivos, influência de filmes violentos e agressividade, desenvolvimentos de habilidades sociais e influencia dos estilos parentais e atitudes pró-sociais e anti-sociais. Alguns concordam com Bandura quando relacionam a aprendizagem de comportamentos a influência dos modelos. Não encontramos nenhum artigo que demonstrasse a importância dos conceitos de

Agência Humana e Reciprocidade Triádica para explicar o processo de aprendizagem de comportamentos.

Das seis pesquisas que encontramos e que falam de agressividade na escola, somente duas fazem referência a Bandura. Alguns exemplos de autores que aparecem em quase todas as pesquisas encontradas são: Bee, Del Prette e Del Prette, Goodman, Bolsoni & Marturano, Skinner, entre outros.

O experimento que Bandura e Ross e Ross realizaram com o João bobo, demonstra a influência de modelos agressivos sobre a aprendizagem de comportamentos pelas crianças. Nesse experimento 72 crianças, foram divididas em grupo controle, grupo exposto a modelos agressivos e grupo exposto a modelos não-agressivos. As crianças eram levadas a uma sala onde estava um adulto que no caso do grupo exposto ao modelo agressivo, presenciariam esse adulto ter atitudes de agressão para com o João-bobo. Foi verificado que os participantes que presenciaram as situações de agressão verbal e física tenderam a reproduzir esse comportamento.

Podemos relacionar esse experimento de Bandura às situações identificadas nas pesquisas de Maldonado e Williams (2005) e Joly, Dias e Marini (2009) onde tiveram como resultado a forte influência que a família tem como modelo violento no comportamento da criança e do adolescente. As pesquisas realizadas com alunos de diferentes lugares e idades mostraram que o aluno tende a ter comportamento agressivo quando presencia situações de violência doméstica, mesmo que, como apontaram Joly, Dias & Marini (2009) e Sisto (2005), a agressividade manifestada na escola seja menor do que no ambiente familiar.

Podemos através desse dado de pesquisa inferir, partindo dos pressupostos da TSC, que se a criança tende a manifestar menos comportamentos agressivos na escola do que manifesta em casa, mesmo tendo modelos agressivos no ambiente doméstico, é porque os modelos escolares estão servindo de referência para manifestação de outro tipo de comportamento ou até mesmo, não está sendo permissivo para com as manifestações de comportamentos agressivos.

Na escola os alunos têm contato com diversos modelos: professores, colegas, demais funcionários, além de através de conversas e situações cotidianas poderem ter contato com outros modelos a partir do que

os envolvidos nesse ambiente trazem e que podem influenciar como modelo de comportamento. Como nos apresenta Bandura, a aprendizagem do comportamento sofre influências ambientais, cognitivas e comportamentais.

Assim, o sujeito a partir do momento que se insere em novos contextos sociais como a escola pode e deve ter oportunidades de socialização e de novos modelos que possibilitem a ele escolher caminhos distintos e romper com um ciclo de insucessos.

Porém, Costa (2008), diz que quando observamos o contexto escolar, apesar de nesse contexto haver uma “supervalorização da demonstração de amor, afeto, amizade e de baixa valorização atribuída à demonstração de irritação, raiva e ódio”, foi verificado que em muitos momentos o professor dá demonstrações negativas em seu comportamento o que justifica a manutenção ou o aprendizado pelo aluno de comportamentos considerados inadequados ao contexto escolar ou até mesmo em outros ambientes de convivência.

A única pesquisa que analisou sistematicamente o comportamento dos professores com relação aos alunos foi a de Picado e Rose (2009), buscando elementos que pudessem auxiliar a entender a prática, para em futuros estudos termos possibilidade de intervenção na escola a fim de solucionar ou reduzir os problemas com agressividade. As autoras apontaram queixas dos professores com relação ao aumento dos comportamentos antissociais, agressivos, desafiadores, entre outros e à dificuldade que eles encontram ao lidar com esses alunos.

Elas também apontam uma relação entre as manifestações de agressão na primeira infância e a manifestação de desajuste social no decorrer da vida, indicando que os comportamentos agressivos tendem a permanecer. Ressaltam em seu estudo a necessidade de identificação dos alunos com alto índice de agressividade para que possa ser realizado um trabalho de intervenção, possibilitando uma mudança de comportamento.

Uma das possibilidades da relação professor-aluno ser possibilitadora de “ajustamento acadêmico e social”, segundo Birch e Ladd (*apud PICADO e ROSE, 2009*), é ter “interações responsivas e positivas” com os alunos. Pianta (*apud PICADO e Rose, 2009*), diz que “a relação entre

professores e alunos pode funcionar como um fator de proteção, contribuído para a minimização dos fatores de risco aos quais as crianças estão expostas”.

Levisky (*apud ANSER, JOLY e VENDRAMINI, 2003*) diz que “a relação professor/aluno pode vir a ser conflituosa, quando ambos tendem a medir forças antagônicas sem possibilidades de criar uma empatia ou laços de afetividade a serem construídos por pequenos gestos e atitudes diárias”.

A pesquisa realizada por Picado e Rose (*ibidem*), afirma que de onze análises da relação entre professor-aluno, somente duas apresentaram um alto grau de elementos positivos conseguindo em suas relações com os alunos um conjunto de práticas coerentes que auxiliam na melhora do comportamento durante a vida escolar. Podemos destacar entre essas práticas: expressão de afeto positivo, alto senso de eficácia quanto à sua prática, empatia, senso de justiça, controle de sentimentos como raiva e hostilidade.

Dos onze alunos que no início da pré-escola foram identificados como agressivos, 45% desses alunos ao final da pré-escola ainda apresentavam esse comportamento. Slavim (*apud PICADO e ROSE, 2009*), diz que “em geral são respostas inadequadas dadas às necessidades da criança por parte da escola, da família ou da comunidade que a expõem a risco”.

As demais pesquisas focaram em relacionar o contexto social à expressão de comportamentos agressivos, diferenciar o comportamento agressivo em meninas e meninos, relacionar o comportamento agressivo da criança ao histórico de violência familiar, caracterizar escolas buscando diferenças entre as manifestações de comportamento agressivo em crianças da rede particular e privada.

Ao final deste estudo, a partir dos pressupostos da TSC, e também das informações obtidas nos artigos sobre agressividade, verificamos que há algumas possibilidades de intervenção na escola para minimizar os comportamentos agressivos nos alunos.

A modelação é uma das possibilidades, talvez a mais importante, de aprendizagem de comportamento. Mas, para que ela seja eficaz, o professor tem que estar atento sua postura em sala de aula. Como aponta a teoria, o status do modelo influirá na disposição do observador em reproduzir o comportamento modificando o seu. Normalmente, o professor desperta

admiração nas crianças, então, quanto menores mais influência esse modelo exercerá sobre a aprendizagem de comportamento. Por isso, atitudes dóceis, compreensivas, comunicativas, a disposição para os alunos, a intervenção adequada durante os conflitos, sempre acompanhadas de bom-senso, irão servir de modelo para as crianças.

Gomide (2000), em uma pesquisa sobre a influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes, chegou a resultados que demonstraram que os meninos após assistirem a um filme violento tinham mais atitudes agressivas com os colegas. Os filmes, desenhos, livros, entre outros materiais são artifícios que o professor pode usar para aprendizagem de comportamentos. Assim como o filme agressivo pode incitar comportamentos agressivos nos alunos, imagens e histórias que tenham como modelo pessoas altruístas, pacíficas, generosas, calmas, pode auxiliar na mudança de comportamento dos alunos.

A autora diz que o filme violento pode ser usado para mostrar comportamentos alternativos àqueles apresentados pelos personagens e identificou que crianças com os pais (ou professores) mostrando alternativas para o comportamento agressivo tiveram respostas não-violentas após assistirem filmes violentos. Mas, isso demanda a intervenção e mediação do adulto, pois nem sempre a criança terá condições, especialmente as mais novas que ainda têm poucas vivências, de fazer essas inferências.

Bandura (2008) vê a mídia eletrônica como uma valiosa possibilidade de modelação simbólica por ter capacidade de atingir uma infinidade de pessoas ao mesmo tempo e em locais diferentes. Ele cita um exemplo de um produtor mexicano que filmou uma série baseada em princípios da modelação para promover alfabetização nacional e o planejamento social. A escola pode utilizar-se de veículos de comunicação de massa para modelação.

Quando o participante observa o modelo se comportando e percebe as conseqüências que o ambiente fornece para aquele comportamento as condições necessárias para que a aprendizagem vicariante ocorra estão presentes. Além disso, existem condições que aumentam a probabilidade da imitação ser bem sucedida, ou seja, a) se as conseqüências são reforçadoras tanto para o modelo como para o participante; b) se as conseqüências permitem a esquiva ou fuga de uma situação aversiva, tanto para o modelo como para o participante; c) se o modelo tem status, é admirado pelo participante, se existe vínculo afetivo entre eles; d) se o participante tem repertório

comportamental para imitar o comportamento exibido pelo modelo (GOMIDE, 2000, p.17).

Os padrões morais do indivíduo determinarão sua forma de interpretar e agir diante das situações vivenciadas cotidianamente e nem sempre essas situações estarão condizentes com os padrões morais do sujeito. Sua ação diante desse impasse se dará pelo repertório moral que tiver, no entanto, Bandura (2008) coloca que é possível o sujeito afastar-se de seus padrões morais utilizando-se de “mecanismos psicossociais” que para ele servirão de justificativa para a conduta adotada. Ou seja, em ambientes com estímulos diferentes dos que fazem parte do seu repertório, o sujeito pode agir de forma inesperada, dependendo de motivações internas.

O senso de auto-eficácia do indivíduo também pode ser considerado como auxiliar na modificação do comportamento. Sujeitos que têm uma imagem positiva de seu potencial para a realização de atividades e que, na escola não apresentam dificuldade de aprendizagem, tendem, segundo Medeiros et al. (2000) a ter comportamentos mais adaptados, com relacionamentos sociais positivos.

Normalmente, eles querem mostrar que são capazes e esperam o reconhecimento das pessoas a sua volta. Quando falamos em agressividade, podemos pensar que em sala de aula, um aluno com comportamentos agressivos, pode ter seu senso de auto-eficácia baixo e por isso expressa-se agressivamente. É mais fácil deixar de realizar tal atividade após um ataque de agressividade do que admitir diante dos colegas que tem dificuldade ou talvez não consiga realizá-la.

Por isso é importante que o professor esteja atento às potencialidades dos alunos e procure instigá-los dentro de seu potencial, sempre procurando desenvolver mais suas aprendizagens, mas nunca propondo atividades que fujam do que possa realizar, pois isso pode gerar frustração e com o tempo forçá-los a ter comportamentos que prejudiquem a si e aos outros.

Pensando na construção do sentido de auto-eficácia nos sujeitos, é importante que o professor consiga manter um ambiente em sala de aula onde os alunos incentivem um ao outro na realização das tarefas, reconheçam as

conquistas dos colegas, não se depreciem, mas ao contrário elogiem as qualidades e potencialidades dos amigos.

Faz-se necessário no ambiente escolar que o professor:

Trabalhe para promover a aprendizagem e a confiança acadêmica dos alunos sob seus cuidados. Usando a teoria social cognitiva como referência, os professores podem trabalhar para melhorar os estados emocionais de seus alunos e para corrigir autocrências e hábitos negativos de pensamento (fatores pessoais), melhorar suas habilidades acadêmicas e práticas auto-regulatórias (comportamento) e alterar as estruturas da escola e da sala de aula que possam atuar de maneira a minar o sucesso dos estudantes (fatores ambientais). (PAJARES & OLAZ, 2008, p.98)

Para finalizar, o professor deve proporcionar sempre aos alunos através de textos, atividades, dinâmicas, entre outros, a possibilidade de refletir sobre seus atos, comportamentos, posturas, pois assim podem modificar suas atitudes com o grupo.

Os professores, em sala de aula, devem estimular o diálogo e fazer a mediação dos conflitos sempre possibilitando a reflexão sobre os comportamentos apresentados. Com isso, eles servirão de modelo para as crianças. É um trabalho que deve perpassar toda a escolarização, pois conflitos existem em todas as faixas etárias. O que diferirá é o grau de intensidade. Com a observação dos comportamentos, o educador deverá agir de forma a conduzir os alunos para a boa convivência, ou seja, uma relação de respeito entre os pares para que possa haver socialização e aprendizado tanto de conteúdos quanto de comportamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho nos possibilitou olhar o aluno como um sujeito a “vir a ser”. Ou seja, seu comportamento na escola é fruto de vivências que possibilitaram a ele adquirir comportamentos, sentimentos, visão de mundo, que num processo interativo deram origem ao que ele é. Com essa constatação, podemos pensar que é possível realizar um trabalho para levá-lo a desenvolver comportamentos adequados ao ambiente escolar. Não somente através de recompensas na realização de tarefas, mas na possibilidade verdadeira de alteração do comportamento através da reflexão, dos modelos, dos exemplos positivos, do afeto, entre outros. O aluno para a TSC não está fadado ao fracasso, a delinquência, ou outro fim desastroso. Mas pode mudar os rumos de sua vida se tiver oportunidade de conhecer outros repertórios de interação.

A partir do estudo da TSC e das análises das pesquisas, foi possível verificar que o comportamento agressivo se desenvolve a partir de um modelo de reciprocidade triádica que considera as influências ambientais, comportamentais e pessoais na aprendizagem de comportamentos. Não conseguimos ter acesso à vasta produção de Bandura por sua produção estar toda em língua estrangeira e no Brasil haver poucas pesquisas e traduções sobre a TSC e a agressividade, mas o que tivemos acesso nos foi de grande valia, pois conseguiu alterar a visão que tínhamos inicialmente, através da prática docente, de que as recompensas externas são o caminho para mudança de comportamento.

Vimos nas pesquisas que os alunos adquirem o comportamento agressivo através dos exemplos dos pais. Mas, também, identificamos que se os indivíduos têm outros modelos de comportamento que despertem neles admiração, confiança, motivo para terem-nos como modelo, poderão modificar seu comportamento. Assim, o professor e os colegas podem tornar-se modelos em potencial, basta que tenham posturas condizentes com o que solicitam dos alunos.

Picado & Rose (2009) apontam a necessidade da família e escola buscarem juntas alternativas para os comportamentos agressivos dos alunos. Porém, a família nos artigos encontrados é responsável pela aquisição de

comportamentos agressivos pelas crianças. Então, a escola pode buscar alternativas conjuntas com outras instituições, ONGs, que possam realizar um trabalho com as famílias que com certeza, a médio e longo prazo refletirão no comportamentos dos filhos e conseqüentemente na dinâmica das escolas.

Gostaríamos de salientar que apesar de os artigos apontarem a família como responsável pela aprendizagem de comportamentos agressivos, por terem identificado que as crianças do grupo agressivo vêm de famílias com histórico de violência doméstica, pela TSC esse comportamento não é determinado, pois se a criança tiver oportunidade do contato com outros modelos poderá manifestar comportamentos sociáveis que darão a possibilidade de romper com um ciclo de história de violência doméstica, tendo a oportunidade de adquirir outros padrões de conduta que não sejam os vivenciados em casa.

Assim, finalizamos nosso estudo salientando que é extremamente relevante para o meio educacional que se pesquise e discuta meios de intervenção na escola para a prevenção e até extinção de comportamentos agressivos em escolares sob a perspectiva da Teoria Social Cognitiva.

6 Referências Bibliográficas

ANSER, Maria A. C. I.; JOLY, Maria C. R. A.; VENDRAMINI, Claudette M. M. Avaliação do Conceito de Violência no Ambiente Escolar: Visão do Professor **Psicologia Teoria e Prática**, [...], v.5, n.2, 2003.

BANDURA, Albert. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (col). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.15 – 41.

BANDURA, Albert. A Teoria Social Cognitiva na Perspectiva da Agência. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (col). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.69 - 96.

BANDURA, Albert. **Modificação do Comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1969.

COSTA, Anna E. B. Modelação. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (col). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.123 – 148.

GOMIDE, Paula I. C. A Influência de Filmes Violentos em Comportamento Agressivo de Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.13, n.1, 2000. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/fulltexts/0345.pdf>. Acesso em: jun.2010.

GONÇALVES, Elaine S.; MURTA, Sheila G. Avaliação dos Efeitos de uma Modalidade de Treinamento de Habilidades Sociais para Crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.3, Porto Alegre, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300011. Acesso em: jun.2010.

IGLESIAS, Fábio. Desengajamento Moral. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (col). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.165 - 176.

JOLY, Maria C. R. A.; DIAS, Anelise S.; MARINI, Janete A. S. Avaliação da Agressividade na Família e Escola de Ensino Fundamental. **Psico-USF**, Itatiba, v.14, n.1, jan/abr.2009. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100009&lng=es&nrm=. Acesso em: jun.2010.

MALDONADO, Daniela P. A.; WILLIAMS, Lúcia C. A. O Comportamento Agressivo de Crianças do Sexo Masculino na Escola e sua Relação com a Violência Doméstica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.3, set/dez.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a02.pdf>. Acesso em: jun.2010.

MEDEIROS, Paula C. et. al. A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.13, n.3, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000300002&script=sci_arttext. Acesso em: jun.2010.

PACHECO, Janaina et.al. Estabilidade do Comportamento Anti-Social na Transição da Infância para a Adolescência: Uma Perspectiva Desenvolvimentista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.1, Porto Alegre, jan/abr.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24817.pdf>. Acesso em: jun.2010.

PAJAREZ, Frank; OLAZ, Fabián. Teoria Social Cognitiva e Auto-Eficácia: Uma visão geral. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (col). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.97 - 114.

PESCE, Renata. Violência Familiar e Comportamento Agressivo e Transgressor na Infância: Uma Revisão da Literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, mar/abr.2009.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: jun.2010.

PICADO, Juliana R.; ROSE, Tânia M. S. Acompanhamento de Pré-Escolares Agressivos: Adaptação na escola e relação professor-aluno. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.29, n.1, mar.2009. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100011. Acesso em: Jun.2010.

PRUST, Laísa W.; GOMIDE, Paula I. C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.1, jan./mar.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso em: jun.2010.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 2008.

SÁ, Daniel G. F. et. al. Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo. **Psicologia Teoria e Prática**, São Paulo, v.11, n.1, jun.2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n1/v11n1a15.pdf>. Acesso em: jun.2010

SALVO, Caroline G.; SILVARES, Edwiges F. M.; TONI, Plínio M. Práticas Educativas como Forma de Predição de Problemas de Comportamento e

Competência Social. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.22, n.2, abr/jun.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a08.pdf>. Acesso em: jun.2010.

SAUD, Laura F.; TONELOTTO, Josiane M. de F. Comportamento Social na Escola: Diferenças entre Gênero e Séries. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.1, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v9n1/9n1a05.pdf>. Acesso em: jun.2010.

SISTO, Fermino F. Aceitação-Rejeição para Estudar e Agressividade na Escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.1, jan/abr.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a13.pdf>. Acesso em: jun.2010.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981. 5ª Ed.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.